



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Educação profissionalizante para menores abandonados: orfanotrófio Pão dos Pobres – Porto Alegre/RS (1947 - 1955)

Vocational education for abandoned minors: Pão dos Pobres orphanotrophy – Porto Alegre/RS (1947 - 1955)

Educación profesional para menores abandonados: orfanotrofio Pan de los Pobres - Puerto Alegre /RS (1947 - 1955)

Luciane Sgarbi Grazziotin

RESUMO

Analisa-se aqui um abrigo e escola para órfãos, na cidade de Porto Alegre, conhecida como “Pão dos Pobres de Santo Antônio, que funciona desde 1895 até os dias atuais. A investigação tem sua base metodológica amparada na História Oral e na Análise Documental de Arquivos Pessoais. O recorte temporal situa-se entre os anos 1947 e 1955, estando relacionado à vida de um dos moradores. As memórias de Seu Barbosa trazem as dimensões do afeto e da gratidão pela oportunidade de, nas suas palavras, “ser alguém”, fato que está vinculado, principalmente, ao aprendizado de uma profissão.

Palavras-chave: Pão dos Pobres de Santo Antônio; orfanato; memória.

ABSTRACT

The following research analyzes a shelter and school for orphans in the city of Porto Alegre, that has been functioning since 1895 to the present day. The investigation has its methodological basis sustained by Oral History and Documental Analysis of Personal Archives. The time frame is set between the years of 1947 to 1955 and is related to the life of one of the residents of the Orphanage. The memories of Mr. Barbosa bring the dimensions of affection and gratitude for the opportunity of, in his words, “being someone”, a fact that is related, beyond everything, to the learning process of a profession.

Keywords: Pão dos Pobres de Santo Antônio; orphanage; memory.

RESUMEN

Analizamos aquí un albergue y escuela para huérfanos, en la ciudad de Porto Alegre, conocido como “Pão dos Pobres de Santo Antônio, que funciona desde 1895 hasta la actualidad. La investigación tiene su base metodológica sustentada en la Historia Oral y Análisis Documental de Archivos Personales. El marco temporal es entre los años 1947 y 1955, relacionándose con la vida de uno de los residentes. Los recuerdos de Seu Barbosa traen dimensiones de cariño y agradecimiento por la oportunidad de, según sus palabras, “ser alguien”, hecho que está vinculado principalmente al aprendizaje de una profesión.

Palabras-clave: Pan de los Pobres de San Antonio; orfanato; memoria.

Introdução

Sue Mckemmish, em 1996, publicou um artigo intitulado “Provas de mim...”; quando de sua publicação, o artigo abria novos caminhos, ao explorar a natureza dos arquivos pessoais e as injunções sociais ligadas ao papel que desempenham em nossas formas de testemunhar e memorializar, não só vidas individuais, mas também a vida coletiva. Tais arquivos podem produzir possibilidades outras de análise de uma história em sociedade.

Nesse sentido, o estudo que apresento permitiu examinar, por meio das memórias orais e do arquivo pessoal do senhor José Clério Barbosa de Moraes – o “Seu Barbosa”, como é conhecido em Bom Jesus¹, cidade em que nasceu, formou família e criou os filhos – o cotidiano estabelecido em uma instituição educativa fundada no final do século XIX, o Orfanotrófio Pão dos Pobres, no qual ele permaneceu interno dos 9 aos 18 anos. Essa documentação possibilitou compreender as distintas dimensões que compõem a formação produzida nesse ambiente, a qual se constitui em um corolário para se entender os processos de escolarização em outros tempos.

A pesquisa desenvolvida, que articula os estudos de trajetórias de vida e de Instituições de educação, faz parte de um projeto mais amplo, denominado *Instituições escolares na Região Metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos: acervos, memórias e cultura escolar – sec. XIX e XX*. Esse projeto, de cunho historiográfico, investiga diferentes instituições educativas, incluindo

¹ Município localizado na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, fazendo fronteira com o Estado de Santa Catarina e com mais seis municípios. Compõe os chamados Campos de Cima da Serra, espaço essencialmente rural até os dias de hoje. Para aprofundamento, ver Abreu e Abreu (1981).

espaços dedicados à guarda, nomeadamente orfanatos, patronatos e educandários. São espaços que, geralmente mantidos por ordens religiosas, dedicam-se à caridade e à oferta de um lugar de abrigo para os “despossuídos”; junto a tais espaços, frequentemente, encontra-se uma escola de formação profissional, é essa formação, dentre outros aspetos abordados, que vislumbramos na narrativa que permitiu esse estudo.

A oportunidade de acesso a determinados arquivos escolares, pouco visibilizados e não divulgados no ambiente acadêmico, conduziu-me a um repertório de reflexões, por meio das quais venho produzindo, desde 2016, diferentes estudos sobre instituições de ensino como objeto de pesquisa da História da Educação.

Nessa direção, “O interesse pelo ‘Pão dos Pobres de Santo Antônio’ se apresentou como uma, entre tantas possibilidades de abordagem, em virtude dos documentos pessoais, e da memória oral, analisados” (GRAZZIOTIN, 2024, p. 1011)². Desse modo, articulo, os documentos pessoais e as memórias individuais de um ex-aluno com o contexto institucional e social em meados do século XX.

O contato com o percurso do Senhor Barbosa, durante o período em que foi interno da instituição aqui examinada, possibilitou a historicização de sua vida no *Orfanotrófio*, nomenclatura utilizada à época. As lentes para olhar o passado foram as experiências narradas nesse espaço. O recorte escolhido, entre 1947 e 1955, justifica-se em virtude do tempo em que Senhor Barbosa permaneceu na instituição.

O presente estudo tem como objetivo analisar, no recorte de oito anos, as representações produzidas sobre uma instituição de recolhimento de crianças que serve de abrigo e escola para os órfãos, na cidade de Porto Alegre, desde 1916 até os dias atuais; examinar o “cotidiano” (ALVES, 2003) de uma instituição religiosa que agrega disciplina e ensino técnico, com tempos rigorosamente definidos e espaços demarcados, em uma dinâmica que articula educação e trabalho.

² Este estudo é uma ampliação do capítulo intitulado “With Faith and Knowledge, All Can Be Overcome: Memories of an Orphanage and of Vocational Education for Abandoned Children (Porto Alegre/RS -1947 to 1955)”, o qual integra o livro *The School and Its Many Pasts*, organizado por Meda; Paciaroni e Sani (2024).

O estudo do cotidiano foi concebido historicamente como a caixa preta das instituições. De acordo com Alves (2003), “com o uso dessa ‘metáfora’, os que a aplicam tentam indicar a ‘impossibilidade’ de se saber o que, de fato, se passou” no interior de uma instituição de educação (ALVES, 2003, p. 63). Examinar o cotidiano possibilita irmos além do registro oficial, do currículo prescrito e das normas institucionalizadas. A janela para o vislumbre do cotidiano das instituições, acredito, está na possibilidade de acesso as memórias individuais e documentos pessoais. E por meio de narrativas e das “coisas guardadas” pelo afeto, que emergem sentidos, outros, atribuídos às regras e condutas, por vezes singulares, que operam na lógica do sentimento, do resultado alcançando, da verbalização dos significados que o passado produziu no presente, esse mergulho no “outro lado” do espaço institucional produz uma paisagem que possibilita perceber as “estratégias” e as “táticas” empregadas. (CERTEAU, 1994).

Contextualização

Segundo Desaulniers (1997), o Pão dos Pobres foi fundado em 15 de agosto de 1895, pelo Cônego Marcelino de Souza Bittencourt, com o objetivo de dar esmolas e distribuir o pão de Santo Antônio para as pessoas carentes³. O orfanotrófio, criado para abrigar meninos órfãos, foi construído somente em 1916, duas décadas depois. As décadas subsequentes se caracterizaram, no Brasil, por um processo de industrialização bem significativo; tais mudanças acarretaram como consequência novas demandas sociais, principalmente no campo educacional.

Em uma sociedade cada vez mais competitiva, era essencial as pessoas terem um ofício com o qual pudessem enfrentar as dificuldades de viver em um contexto industrial que já mostrava indícios de uma crescente exclusão social (DESAULNIERS, 1997). No campo religioso, as instituições empreenderam

³ A pedra fundamental foi colocada em 1904, e a Obra se chamava “Abrigo das Famílias Pobres do Pão dos Pobres de Santo Antônio”. A institucionalização da escolarização ocorre em 1910, por meio da fundação de duas escolas, com o propósito de educar as crianças abandonadas: a Dom Sebastião, para meninas, e a Dom Feliciano, para meninos. Em 1911, falece o fundador da Obra, que caminhava em franco processo de expansão. No momento, não se encontrou quem quisesse dar continuidade. Em 1915, mediante solicitação do Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, a Congregação Religiosa dos Irmãos das Escolas Cristãs ou Lassalistas assume a Instituição, a qual é inaugurada em 02 de abril de 1916 (STAUB, 2013).

iniciativas a fim de permanecerem consoantes com o momento social e de qualificarem os habitantes da sociedade nesse processo desenvolvimentista. Começaram, portanto, a surgir as escolas de ofício católicas, com o objetivo de prepararem seus alunos para viverem em sociedade, dando-lhes uma formação profissional e, mais que isso, uma formação para a vida⁴. Tais instituições passaram, então, a formar um novo cidadão de acordo com os preceitos do catolicismo. Considero que o Pão dos Pobres de Santo Antônio foi uma escola que, como tantas outras de sua época, associou o ensino básico ao aprendizado de um ofício, na própria instituição. A esse respeito, a maioria das chamadas instituições totais abrigavam os órfãos e mantinham uma escola de forma concomitante, como é o caso do Amparo Santa Cruz⁵. Com essa concepção, começava, então, a ser construído um “novo cidadão”, nos moldes da sociedade que ora se organizava.

Em uma perspectiva desenvolvida, sobretudo, no campo da Sociologia, o conceito de “instituições totais” refere-se a um espaço em que vive um certo número de sujeitos separados da sociedade, espaço que tem como característica o fechamento (GOFFMAN, 2015). A esse propósito, Linberger (2022, p. 30) esclarece que algumas dessas instituições "podem ser consideradas com aspectos mais fechados que outras", havendo uma diversidade de formas de fechamento, "como muros altos, envoltos em arames farpados, espaços divididos por paredes altas e portas trancafiadas, bem como espaços envoltos pela natureza".

⁴ A história do compromisso social e assistencial do Pão dos Pobres enquanto instituição começou como contraponto a uma sangrenta guerra civil, de cunho político, entre os anos de 1893 e 1895. Até pouco tempo antes, o Brasil era governado pelo Regime Imperialista, que regia o país desde sua descoberta em 1500. Em 1889, especificamente, instaurou o Regime Republicano. No Estado do Rio Grande do Sul, a passagem de um regime a outro não foi pacífica: sob o argumento de que a república explorava os gaúchos com pesados impostos sobre os bens de produção criados no estado, surgiram dois expressivos grupos, separados ideologicamente por distintos posicionamentos. De um lado, os favoráveis ao governo republicano, imperialista. De outro lado, os revolucionários, que defendiam a separação do sul do Brasil, desejando a criação de um país independente. A disputa ocorrida no ano de 1893 chamou-se de Revolução Federalista, também conhecida como Guerra da Degola, e dizimou mais de 10.000 pessoas, deixando viúvas e seus respectivos filhos órfãos abandonados à própria sorte. Nesse cenário, surgiram algumas iniciativas com o objetivo de amparar as viúvas e dar proteção, educação e profissionalização aos órfãos. Uma das poucas instituições a ter sucesso nessa empreitada, subsistindo até hoje (2023), foi o Pão dos Pobres de Santo Antônio (CORPASSI, 2018).

⁵ Amparo Santa Cruz foi um dispensário, uma instituição que recebia os filhos dos pacientes do Hospital Colônia de Itapuã, entidade essa que foi criada exclusivamente para o tratamento de pessoas com hanseníase na década de 1940. Para aprofundamento, ler Linberger (2022).

Caminhos percorridos

Inspirada nos estudos de Gomes (1998), de Heymann e Nedel (2018) e de Cunha (2009), apresento as bases de sustentação para a Análise Documental de Arquivos Pessoais que esta pesquisa utiliza. Por sua vez, Grazziotin (2006, 2020), Alberti (1990) e Thompson (1992) constituem o apoio teórico referente à História Oral.

Os documentos pessoais, “tesouros” guardados por anos, possibilitaram a construção de um caminho para o entendimento das representações produzidas pelo Senhor Barbosa sobre uma instituição de abrigo para menores abandonados. Trata-se de relíquias de um senhor de 83 anos, recordações de um tempo por ele descrito como “minha Mega Sena”.

Segundo Ângela de Castro Gomes,

A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes [...] Homens que têm a sua história de vida, as suas virtudes e defeitos e que os revelam exatamente nesse tipo de material. Para o historiador, um prato cheio e quente. E acredito que, para ser degustado com o prazer que pode proporcionar, os historiadores devem se municiar dos nada novos procedimentos de crítica (GOMES, 1998, 125).

As memórias orais deram vida à história e uma outra possibilidade de se olhar para este “território de meninos”, o Pão dos Pobres. Tais memórias foram produzidas por meio de entrevista por mim realizada na casa de Seu Barbosa, na presença de sua esposa e de sua filha. Foram esses documentos, até bem pouco tempo considerados efêmeros, banais, pouco confiáveis, que se constituíram em matéria-prima para o presente estudo.

Ao examinarmos memórias orais e artefatos pessoais, podemos perceber determinadas “redes” de apoio e alguns afetos que emergem de fotografias e que, imediatamente, evocam memórias nostálgicas. São “estruturas de sociabilidade”; são os “efeitos/solidariedade de idade” presentes nas narrativas de vida (SIRINELLI, 2003).

Um boletim, bem gasto pelo tempo, traz em suas páginas o cotidiano de quem viveu em um orfanato e das conquistas após deixá-lo. No caso de Seu

Barbosa, o boletim por ele guardado é um espaço em que o tempo parou: trata-se de um impresso de 1953, ano em que ele saiu da instituição.

Estampadas em cada página amarelada, estão orações, indulgências, fábulas e curiosidades diversas. Em uma seção intitulada “Notas e fatos”, encontram-se: registros de anedotas em tom jocoso, costumes da época, fotos de famílias fazendo caridade e turmas de formandos do ano corrente; fotos de alunos da instituição em uma espécie de colônia de férias; fotos de casamentos de ex-internos; e, na última página, uma lista de nomes, em uma seção denominada “Esmolas e donativos”. O impresso em questão é trimestral: trata-se de uma espécie de testemunho de pertencimento dos meninos que ali viveram, que dali saíram já adultos e que, “no momento”, faziam parte do espaço social que um dia os excluiu. É também o “retrato” do cotidiano de uma sociedade que iniciava seus primeiros passos na direção de um capitalismo que abrangeria, no futuro próximo, cada espaço da vida. Esse conjunto de percepções é viabilizado por meio da materialidade do Boletim analisado, conforme Imagem 1, a seguir.

Imagem 1 – Capa do Boletim do Pão dos Pobres do ano de 1953

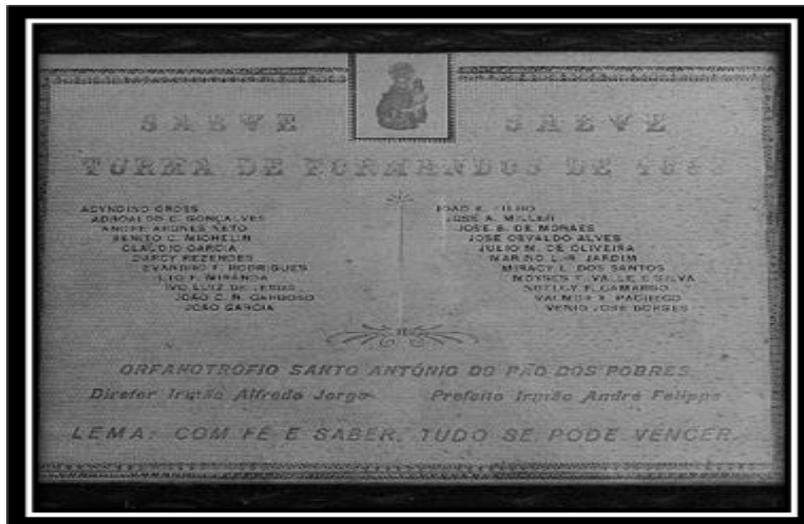


Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Barbosa (2021).

Dentre seus guardados, pendurado na parede de sua residência, está um diploma de conclusão do curso profissionalizante. Nele, há o lema que inspira o título deste artigo (“Com fé e saber tudo se poder vencer”) e uma lista de 22 (vinte e dois) internos que, segundo a narrativa do Senhor Barbosa, saíram da instituição com 18 anos, com uma formação profissional, a exemplo dele próprio: “Aprendi a profissão de Torneiro mecânico [...] Foi onde eu ganhei

um dinheirinho [...] Foi minha Mega Sena, foi aquele colégio” (Entrevista, 21/11/2021). A Imagem 2, a seguir, exhibe o diploma de Seu Barbosa.

Imagem 2 – Diploma de conclusão do curso profissionalizante de Seu Barbosa



Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Barbosa (2021).

Nesse diploma é possível visualizar, no lado direito, o nome “José B. de Moraes”, nome do “Seu Barbosa”.

Conforme Almeida (2021, p. 12), “Muitos desses papéis, que em princípio conservavam outros usos, ao serem arquivados, adquirem um novo estatuto, cumprindo funções imediatas, em uma espécie de *musealização*”. Nessa direção, Nora (1984) afirma que

Os lugares de memória são os restos [...] a memória mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os alvos, testemunhos de uma outra era, das ilusões da eternidade. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza. (NORA, 1984, p. VI).

Com os restos de outro tempo, seu Barbosa constrói o testemunho de determinadas práticas coletivas, em uma produção de sentidos que nos permite um pequeno, mas nítido vislumbre das experiências vividas, dos caminhos percorridos individualmente; e, com isso, uma paisagem da sociedade gaúcha em meados do século XX.

Para além desse estudo, é importante destacar outras pesquisas realizadas sobre a instituição conhecida como “Pão dos Pobres de Santo Antônio”, pesquisas relacionadas, sobretudo, a temáticas das áreas de Ciências Sociais e de Psicologia.

Quadro 1 – Produção acadêmica sobre o Pão dos Pobres de Santo Antônio

Autor	Título	Local	Data
Julieta Beatriz Ramos Desaulniers	A dinâmica estrutural do campo religioso: alguns dados empíricos	Veritas, Porto Alegre, v. 41 n. 2	1996
Leandro R. Pinheiro	O Pão Dos Pobres E O Terceiro Setor	Veritas, Porto Alegre, v. 43, n. especial	1998
Ana Paula Brasil Vaz Madruga	Cidadania em construção: a proposta do Pão dos Pobres	Veritas, Porto Alegre, v. 43, n. especial	1998
Juliana Pedroso	Pão dos Pobres: um estudo para identificação de imagem	Monografia: especialização em Administração de empresas/UFRGS	2009
Edna Das Graças Martins Pereira	Na Casa do Pão e do livro: a contribuição da Psicanálise para compreender os meninos do Pão dos Pobres a caminho de uma educação cidadã	Mestrado em Educação (UNILASALE)	2009
Giovana Mazzarolo Foppa	Adolescente egresso da fase: estudo de caso sobre o Programa RS socioeducativo	Mestrado em Ciências Criminais (PUCRS)	2011
Gilmar Staub	Projetos de vida e emancipação: constituindo o ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres.	Mestrado em Educação (UNISINOS)	2013
Eduardo Marinho	As fragilidades na gestão de organizações da sociedade civil: um estudo de caso comparativo entre a Fundação o Pão dos Pobres e a Associação São Francisco do bairro Ipiranga	Trabalho de Conclusão de Curso de Administração de Empresas (UFRGS)	2014
Amanda Dom Cortopassi	A preparação para captação de recursos à luz do novo MROSC: um estudo de caso da Fundação Pão dos Pobres.	Trabalho de Conclusão de Curso de Administração de Empresas (UFRGS)	2018

Fonte: Elaborado pela autora.

Os oito estudos sobre o Pão dos Pobres situam-se, em sua maioria, nas áreas de Ciências da Administração e de Ciências Sociais; somente dois deles têm como foco a Educação. As pesquisas identificadas produzem reflexões sobre a forma como foi constituído o abrigo e sua estrutura administrativa, além

de constar um estudo de caso – realizado na área de Psicologia – sobre alguns alunos internos. A análise de tais produções indica lentes distintas para compreendermos essa instituição. Com foco na memória oral, a investigação que trago possibilita o vislumbre do cotidiano institucional, ou seja, por meio dos documentos, é possível analisar, explicar e compreender, em certa medida, o referido cotidiano. Este se relaciona com as maneiras como os espaços, os tempos, as tarefas, os afetos e os desafetos e o lazer, dentre outros aspectos, estão sempre encarnados em cada “praticante” a partir das distintas redes do dia a dia que o enredam (ALVES, 2003).

Percurso, formação, chegadas e partidas

As explicitações de alguns elementos da trajetória de vida do Seu Barbosa são necessários, nesse primeiro momento, para a compreensão dos processos de profissionalização conferidos por instituições de cunho assistencialista, como é o caso do “Pão dos Pobres de Santo Antônio”.

Após nove anos de permanência no Orfanatório Pão dos Pobres, José Clério, agora com 18 anos, retorna a Bom Jesus, momento em que se alista e é selecionado para servir o exército na cidade de Vacaria/RS. Ao término de um ano de alistamento, retorna à Cidade e encontra trabalho, como torneiro mecânico, na oficina do seu Mário De Boni, profissão aprendida na Instituição. Seu trabalho seguinte, também como torneiro mecânico, foi em outra oficina, agora do senhor Matei Tessari. Nesse tempo, relembra que viajou pelo interior do município arrumando as locomotivas que moviam as serrarias da região.

Após a desativação da referida empresa, ficou sem trabalho por um ano, ao final desse tempo, se empregou com o senhor Gino Faggiani, imigrante chegado da Itália, que abre uma loja de eletrodomésticos em Bom Jesus. Sua atividade consistia em instalar box, arrumar e instalar chuveiros elétricos e instalar antenas de televisão, entre outros afazeres. Lembra que instalou a primeira televisão que chegou em Bom Jesus, também a primeira antena repetidora de Sinal de TV do Município.

Passados alguns anos, trabalhou em uma sociedade familiar de revenda de automóveis da empresa Volkswagen. Em 1979, compra uma livraria que já existia na cidade, trocando de ramo, segundo ele, por vislumbrar uma possibilidade de ter seu próprio negócio. A livraria do “Seu Barbosa” foi ponto

de referência em Bom Jesus e permaneceu com ele durante, aproximadamente, 37 anos.

Seu Barbosa casou em 10 de outubro de 1959, teve duas filhas e um filho. Importa uma reflexão sobre as instituições escolares, de modo geral, mas nesse estudo, especificamente, uma que teve papel decisivo na vida do entrevistado. De acordo com ele, foram seus anos no orfanato que lhe “deram uma profissão”, que lhe permitiram, além de ter um emprego, ter um ‘sustento’, e o seu estabelecimento naquela comunidade.

Em suas memórias conta que não tinha nem pai nem mãe; morava com uma avó na zona rural, saiu do interior com nove anos, analfabeto: “Eu saí daqui, tu deve ter observado aí, o dia sete de fevereiro de 1947, é uma data sagrada pra minha vida” (Entrevista, 21/11/2021), chegou a Porto Alegre levado por seu Sebastião Velho, um amigo da família. Narra sua chegada e suas primeiras impressões de forma tranquila, fazendo gestos com as mãos e com muita nostalgia, como é esperado de narrativas de cunho memorialístico:

Cheguei lá...carros, eu só conhecia dois, que é que o movimento? Fiquei na minha, né? Aí, ele [se refere ao conhecido da família que o levou], pegou o táxi e me levou lá e dali tem um portão, assim, portão grande, verde e tinha uma capela aqui, e aqui começava as oficinas e aqui no começo tinha o escritório de entrada, ali, tinha um irmão sentado, ali que recebia as pessoas. Eu nunca tinha ganhado uma bala na vida. Primeira coisa que ele fez (se refere ao religioso que o recebeu), me deu uma bala. (Entrevista, 21/11/2021).

No processo de narrar, “aqui e ali”, Senhor Barbosa faz gestos com as mãos, indicando o espaço, como se estivesse visualizando esse lugar de acolhida.

E segue descrevendo a lembrança do primeiro momento: “[...] e foi quando, tá, daí ele disse, seu Sebastião, disse, tá entregue o moço, tá entregue. Ele me pegou pelo braço, saí por aquela igreja” (Entrevista 21/11/2021). Parece que as coisas aconteciam, simples assim, estando entregue, “adeus”, ficavam lá, fato impactante para quem escuta. Imagina-se o sentimento da criança: angústia? Medo? Incerteza? Abandono? Impossível saber. Certamente, não são os mesmos sentimentos do ancião que narra, tranquilo, calmo, sereno e, sobretudo, saudosista. Por isso, dizemos que, no

corredor da memória, as lembranças do passado são atravessadas pelo presente.

No decorrer da entrevista, diferentes elementos do cotidiano vêm à tona. Quanto à ordem, à rotina e à disciplina a que eram submetidos os meninos, o Senhor Barbosa lembra que os padres não castigavam as crianças; chamavam-lhes a atenção, mas não os tratavam mal. Conta que, nesse primeiro dia, além de ter ganhado uma bala de um padre, fato já mencionado, jogou bola com os meninos pequenos.

As suas memórias vêm, como bem se sabe, de forma desordenada; as narrativas de memória têm essa característica. Embora possa parecer paradoxal, com uma palavra em meio à lembrança, o narrador consegue estabelecer relações entre o tempo vivido, seu passado e seu presente. “Era assim”... Ele continua:

[...] tu sai de trás da igreja, [...] tem, tinha uma figueira, assim, que cobria uma área grande do jardim. É uma algazarra de gente que Nossa Senhora! Mas o que que é isso? Só comigo não falavam, eu tava em outro mundo. Nunca tinha andado de carro... nunca tinha andado... nada daquelas coisas. (Entrevista, 21/11/2021).

Na sala da casa do Senhor Barbosa, por meio de minhas perguntas, ocorre, aos poucos, o retorno ao passado, e mergulha-se em um outro tempo. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato de vontade. O retorno ao passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura a partir do presente (SARLO, 2007). Em perspectiva semelhante, (HALBWACHS, 2004, p. 76) afirma: “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”. À luz dessa reflexão, podem ser percebidos vários elementos no decorrer da entrevista, para um dos quais chamo especial atenção: o uso do presente do indicativo como tempo verbal predominante. Embora a memória narrada evoque fatos, acontecimentos, pessoas e lugares do passado, a narrativa se organiza a partir do presente.

É assim que a reconstrução do ambiente, os modos de escolarização, as práticas vividas no cotidiano da instituição vão tomando forma e possibilitam analisar as representações produzidas sobre o espaço estudado. A narrativa engendra um tom nostálgico, mas firme, saudoso e curiosamente agradecido. Essa última característica é curiosa, quando tomamos o presente como referência, uma vez que as representações de orfanato construídas socialmente pouco ou nada teriam a ver com “gratidão”. Em tom de aprovação, prossegue Seu Barbosa:

Primeiro lugar, todo mundo vestido igual, não tinha distinção de nada, horário pra tudo. Deitava, levantava seis horas, fazia a higienização, ali banheiro, se lava, isso e aquilo, seis e meia missa, sete horas o café, das sete e até como oito, limpeza. Uns limpavam o banheiro, outros limpavam o corredor, outros varriam o pátio, outros limpavam vidro, tinha serviço para todo mundo. E foi indo [...] terminava a limpeza a aula. (Entrevista 21/11/2021).

Para pensar o cotidiano deste orfanotrófio, além das ideias de Nilda Alves (2003), valho-me do conceito de “práticas cotidianas”, de Michel de Certeau, segundo o qual “as práticas são uma arte ou maneiras de fazer [...] são uma maneira de pensar investidas de uma maneira de agir, uma arte de combinar, indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 1994, p. 43).

Na rotina da escola, distintas práticas fazem parte do dia a dia. A esse respeito, o Senhor Barbosa lembra: “[...] a recreação era futebol e nos domingos [...] tinha futebol de mesa, botão, mas era, esse era disputado. E tinha xadrez, era muito pouquinhos que jogavam” (Entrevista, 21/11/2021).

Informações sobre o processo de escolarização aparecem em meio aos relatos acerca do dia a dia da instituição. As turmas eram divididas em duas fases: os menores, até os 13 anos; e os maiores, dos 14 anos aos 18 anos, os quais eram direcionados ao aprendizado de uma profissão. Em contato com o Pão dos Pobres, não tive acesso aos documentos relacionados à estrutura curricular proposta no período de 1947 a 1955, durante o qual o Seu Barbosa lá esteve.

Segundo Madruga (1998), é possível deduzir, tendo em vista a época, que os princípios da Encíclica Rerum Novarum, implementada pelo Papa Leão

XII, foram reinterpretados de modo mais radical e verticalizados por meio da pedagogia aplicada pelos irmãos Lassalistas, que assumiram o Pão dos Pobres. As bases institucionais estavam adequadas ao pleno desenvolvimento de uma formação que ocorria em regime de internato fechado, direcionado a órfãos pobres, utilizando modalidades religiosas disciplinares, com práticas e técnicas regidas por tempos prévia e rigorosamente definidos, bem como espaços demarcados.

Com uma rotina austera, conforme as memórias do Senhor Barbosa, eram inúmeras as atividades que o interno realizava durante todo o dia – um conjunto de dispositivos garantido por uma supervisão rigorosa dos irmãos.

Considerações finais

No percurso da investigação, aparecem indícios dos propósitos da criação da instituição Pão dos Pobres de Santo Antônio, fundada, inicialmente, em virtude de um problema social que havia em Porto Alegre. Tratava-se do número exagerado de órfãos decorrente das revoluções que agudizavam a situação de abandono, deixando uma quantidade cada vez maior de crianças desamparadas nas ruas. Assim como outros orfanatos da época, o Pão dos Pobres foi fundado com vistas à minimização e à tentativa de resolução dessa situação, acolhendo tais crianças. Com base nas memórias e nos documentos analisados, é possível identificar os rituais, os tempos, os espaços, as práticas cotidianas da Instituição.

As memórias de Seu Barbosa são carregadas de saudosismo – “coloridas com lápis de cor”, como diz Mário Quintana⁶ –, aspecto comum em um evento de entrevista. Dessas memórias, emergem lembranças de partilhas, de confiança, de disciplina e um “quê” de solidão. As questões relativas ao aprendizado de um ofício, de um trabalho e de uma formação para a vida são o que prevalece em toda a narrativa produzida. Nas memórias escutadas, estão presentes as representações de acolhimento e de afeto, com caráter de gratidão pelo ofício aprendido. Não há queixa, amargura ou relato de abandono, pelo menos não verbalizados.

⁶ Poeta nascido no Rio Grande do Sul; viveu entre 1906 e 1994.

Por meio das fontes utilizadas, sobretudo a memória oral, guardadas com as minhas escolhas teóricas e metodológicas, fui capaz de filtrar, organizar, compor e decompor um fragmento, dentre tantos que poderiam ser escolhidos, referente à vida do Senhor Barbosa. De acordo com Thompson (1992, p. 44), “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. Ainda segundo o autor, a história oral “Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] propõe um desafio aos mitos consagrados da história [...] oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história” (THOMPSON, 1992, p. 44).

A memória está ligada a uma ambição, a uma pretensão, a de ser fiel ao passado. Apesar das armadilhas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que ela é uma busca específica da “verdade”; é um exercício de olhar para a coisa passada. Ao fim e ao cabo, não há nada melhor que a memória como testemunho de que algo aconteceu (RICOEUR, 2007).

De minha parte, como entrevistadora e pesquisadora, cuja tarefa é problematizar, o que impactou foi o tom constante de gratidão do entrevistado pela oportunidade que teve na vida e a sua reverência ao ambiente institucional. Eu não imaginava encontrar um relato saudoso e condescendente, que minimizaria dificuldades, percalços e tristezas mais profundas. Em alguma medida, eu projetava no horizonte da investigação o que percebo, agora, ser um estereótipo das memórias sobre uma instituição total – no caso, o orfanotrófio –, a saber, um lugar de sofrimento, de solidão e de abandono. Corroboram minhas impressões os estudos realizados por Caldeira, (2020; 2014), Valle, (2017) e Vicente, (2010), essas pesquisas, que têm como temática, patronatos e asilo de órfãos em uma perspectiva relacionada, de modo geral, com a educação dos desvalidos, identificam-se com minhas percepções.

Não obstante, a dimensão do abandono está, de alguma forma, presente quando Seu Barbosa comenta acerca das visitas recebidas durante os nove anos em que permaneceu na Instituição. Ao me mostrar uma fotografia, aponta para um casal e afirma: “Eram os únicos, foram umas duas, duas ou três vezes e depois o Ilton Fernandes foi uma vez só e mais ninguém.

Nem minha irmã, nem minha avó, nem meus tios, nem nada» (Entrevista, 21/11/2021). O tom é, basicamente, de constatação.

Imagem 3 – Fotografia de Seu Barbosa com o casal de amigos da família que o visitou em 1949



Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Barbosa (2021).

Encontrei, sobretudo, uma narrativa de reconhecimento do papel que o orfanotrófio desempenhou em sua vida; de agradecimento pelo futuro proporcionado e sem o qual não teria tido o êxito que teve; de admiração pela obra de caridade e pela forma como os padres conduziam a rotina das crianças que ali estavam recolhidas; e de orgulho pela confiança nele depositada ao ser escolhido para recolher as doações da congregação. Enfim, as mazelas que essas instituições costumam instalar nas lembranças de quem nelas viveu não foram por mim identificadas em nenhum momento.

Referências

ABREU, Ennio Farias de; ABREU, Marisa da Costa. 1 Ed. *Bom Jesus – duas épocas*. Porto Alegre: EST/UCS, 1981. 126p.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. 75p.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. *Cadernos de História da Educação*, v.20, pp.1-5, e058, 2021. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/che/v20/1982-7806-che-20-e058.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n.23, p.62-74, mai.-ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. *A infância desvalida institucionalizada em Pelotas/RS*: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais, décadas de 1910 a 1940. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. *O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas/RS (1901-1930)*: trajetória educativa institucional. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 11 Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORPASSI, Amanda. *A preparação para captação de recurso à luz do novo MROSC: um estudo de caso da Fundação Pão dos Pobres*. 2018. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração), Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CUNHA, Maria. Teresa Santos. *O historiador e suas fontes*. 2 Ed. São Paulo: Autêntica, 2009. 302p.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. Formar cidadãos: uma proposta de escola católica. *Veritas*, Porto Alegre, v.42, n.2, pp.313-331, 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35669>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 9 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 312p.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, v.11, n.21, pp.121-127, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2069>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. Bom Jesus, tempo e memória: educação e gênero no contexto urbano (1913-1950). In: *12º ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. HISTÓRIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO*. 2006, Santa Maria. Anais do 12º

Encontro Sul-Rio Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Santa Maria, Unifra, 2006. pp.54.

GRAZZIOTIN, Luciane. Sgarbi. Memórias orais arquivadas: a escolarização de migrantes no meio rural da região nordeste do Rio Grande do Sul (1910 a 1940). In: A. RUGGIERO, Antonio.; CONEDERA, Leonardo. (Orgs.). *Entre a Itália e o Brasil Meridional: História Oral e narrativas de imigrantes*. 1 Ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. pp.155.

GRAZZIOTIN, Luciane. Sgarbi. "With Faith and Knowledge, All Can Be Overcome": Memories of an Orphanage and of Vocational Education for Abandoned Children (Porto Alegre/RS 1947 to 1955). In: MEDA, J.; PACIARONI, L.; SANI, R. (Orgs.). *The School and Its Many Pasts*. 1 Ed. Macerata: EUM Edizioni Università di Macerata, 2024. pp. 01-1090.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 1 Ed. São Paulo: Centauro, 2006. Pp.224.

HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. Apresentação. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. (Orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2018. 363p.

LINBERGER, Rafaela. *Educandário Amparo Santa Cruz: "o lugar onde os filhos choram e as mães não escutam"*, Porto Alegre (1940-1950). 2022. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação), Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

MADRUGA, Ana Paula Brasil Vaz. Cidadania em construção: a proposta do Pão dos Pobres, Veritas, Porto Alegre, v.43, n.5, p.15-19, 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/35511>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... In: HEYMANN, L. NEDEL, L. (Orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2018. pp.363.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire (Tome 1 – La République)*. 4 Ed. Paris: Gallimard, 1984. pp.318.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 3 Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp.533.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. 1 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp.129.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003. pp.215.

STAUB, Gilmar. *Projetos de vida e emancipação: constituindo o ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres*. 2013. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação), Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. pp.385.

VALLE, Hardalla do. *O ensino de ofícios na cidade do Rio Grande/RS (1889-1930) : uma análise sobre a infância desvalida*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelota, Pelotas, 2017

VICENTE, Magda de Abreu. *O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas, RS (1923-1934): gênese e práticas educativas*. Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

Recebido em: 14/06/2024.
Aceito em: 06/08/2024.

Luciane Sgarbi Grazziotin

Possui Pós-Doutorado pela UNED em Madri (2017), doutorado em Educação, ênfase em História da Educação pela PUCRS (2008). Fez doutorado sanduíche na Universidade Clássica de Lisboa (2007). Fez Mestrado em Ciências na UFPel (1991) coordenadora da linha de pesquisa História, políticas e gestão da educação do PPGEdu UNISINOS (2019-2021). Área de interesse relacionada à História da Educação: Memória e História Oral, Cultura Escolar, Cultura Escrita, Instituições e Patrimônio Histórico Educativo. Possui bolsa Produtividade – CNPq1D

 lsgarbi@unisinors.br

 <http://lattes.cnpq.br/0388501284300091>

 <https://orcid.org/0000-0001-5648-3855>